



KARÍOKA  
CARLOS VERGARA

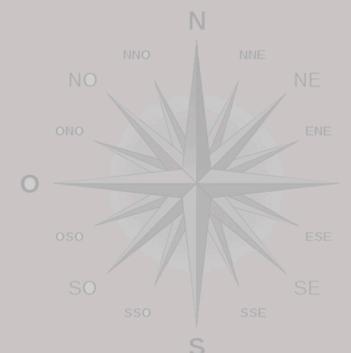


São incontáveis as palavras de origem indígena que, incorporadas à língua portuguesa, fazem parte do nosso vocabulário cotidiano.

O termo "Carioca", que identifica quem nasceu no Rio, também revela o vínculo profundo das raízes tupis com a cidade, embora exista certa controvérsia sobre a origem exata da palavra. A versão mais difundida é a de que o vocábulo "carioca" é uma fusão de kara'íwa (ou simplesmente kari: caraíba, homem branco) com oka (casa), mas há quem defenda que, na verdade, a junção correta seria de akari (peixe cascudo associado aos portugueses, por causa das armaduras usadas) com oka.

Antigos documentos relatam que o rio Carioca era bem mais caudaloso e pelo seu curso subiam canoas, direcionadas ao interior, que traziam produtos das chácaras situadas no Vale das Laranjeiras.

# KARI'OKA



A desembocadura do rio com o mar, onde hoje é a Praia do Flamengo, servia como fonte de abastecimento às embarcações que, a partir do descobrimento, pela ausência de porto, lançavam suas âncoras na Baía de Guanabara. Daí a sua primeira denominação: Aguada dos Marinheiros.

Pequeno, degradado, mas de grande importância histórica, ambiental e cultural, o Carioca é considerado o primeiro provedor de água potável da cidade e também o primeiro rio urbano do Brasil.

Esse mesmo rio que fornecia água potável aos habitantes do Rio, os cariocas, hoje esquecido e abandonado é usado como lixo e esgoto por esses mesmos moradores.

Ainda desconhecido por muitos, o rio Carioca é patrimônio histórico e cultural e precisa urgentemente ser preservado e recuperado pelo cidadão carioca.



# KARI'OKA



O Projeto KARI'OKA parte do olhar poético do consagrado artista Carlos Vergara tentando tornar visível o rio mais emblemático da Cidade do Rio de Janeiro, o Carioca.

O ateliê do artista fica no bairro de Santa Teresa, cuja origem se deu pela canalização do Carioca em direção a crescente cidade.

O rio é um sinal do devir, do vir a ser, está sempre lá, mas nunca é o mesmo. O rio é esse fluxo, que captado nas pinturas e monotipias do artista, será visto de uma nova forma.

Vergara pinta com a água do rio e faz monotipias em suas margens. Procura sentir e dar visibilidade ao seu murmúrio silencioso.

*"Os rios, estes seres que sempre habitaram o mundo de diferentes formas, são quem me sugerem que se há um futuro a ser cogitado, esse futuro é ancestral, porque já estava aqui."*

Ailton Krenak - "Futuro Ancestral"



# KARI'OKA

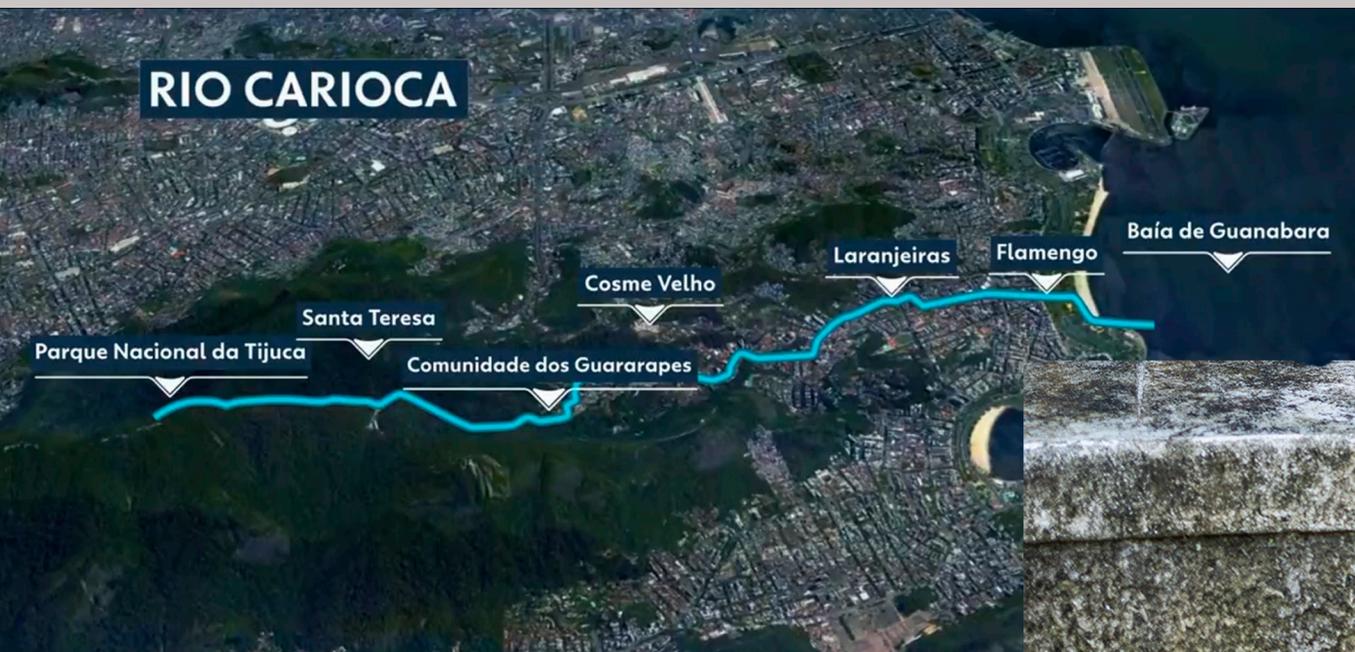
No Projeto KARI'OKA, Carlos Vergara vai a fundo nessa história. Quer ouvir a voz do rio que corre encanado por baixo desses trilhos e pelas ruas da cidade até desaguar na Guanabara.

O artista percorrerá o leito do rio e suas monotipias serão feitas em diversos pontos da cidade:

- Mãe D'água em Santa Teresa
- Rua Almirante Alexandrino
- Casa Roberto Marinho
- Largo do Boticário
- Ponto final Rua Cosme Velho
- Bica da Rainha
- Praia de Flamengo
- Chafariz do Mestre Valentim na Praça XV
- Chafariz na Glória

*"Sigo no embate com a tela tentando imprimir e pintar a voz desse rio que mesmo desviado, canalizado, enterrado e ressecado, continua a correr silencioso."*

Carlos Vergara



# CARLOS VERGARA

Na década 1950, Vergara transfere-se para o Rio de Janeiro, e, paralelamente à atividade de analista de laboratório, dedica-se ao artesanato de jóias, que são expostas na 7ª Bienal Internacional de São Paulo em 1963.

Nesse mesmo ano, volta-se para o desenho e a pintura, realizando estudos com Iberê Camargo (1914 - 1994). Participa das mostras Opinião 65 e 66, no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro - MAM/RJ. Em 1967, é um dos organizadores da mostra Nova Objetividade Brasileira, que procura fazer um balanço da vanguarda brasileira. Atua ainda como cenógrafo e figurinista de peças teatrais. Nesse período, produz pinturas figurativas, que revelam afinidades com o expressionismo e a arte pop.

Durante a década de 1970, utiliza a fotografia e filmes Super-8 para estabelecer reflexões sobre a realidade. O carnaval passa a ser também objeto de sua pesquisa. Atua ainda em colaboração com arquitetos, realizando painéis para diversos edifícios, empregando materiais e técnicas do artesanato popular.

Em 1972, publica o caderno de desenhos *Texto em Branco*, pela editora Nova Fronteira. Durante os anos 1980, volta à pintura, produzindo quadros abstratos geométricos, nos quais explora, principalmente, tramas de losangos que determinam campos cromáticos. Desde o fim dos anos 1980, emprega pigmentos naturais e minérios, com os quais produz a base para trabalhos em superfícies diversas. Em 1997, realiza a série *Monotipias do Pantanal*, na qual explora o contato direto com o meio natural, transferindo para a tela texturas de pedras ou folhas, entre outros procedimentos.

'Prospectiva', 'ramo de estudo que visa à construção de projeções futuras' e o que se vê ao longe, foi a palavra escolhida para o título de sua última exposição individual no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM), com mais de 170 obras inéditas, o artista segue desafiando seu processo criativo retomando práticas desenvolvidas ao longo de cinco décadas de carreira, como os sudários - monotipias realizadas desde 2003, a partir de impressão em tecido de relevos e superfícies de diferentes locais.

CARLOS VERGARA

*prospectiva*

MARLA FORTUNA  
marlafortuna@oglobo.com.br

**C**arlos Vergara parece uma criança empolgada com um brinquedo novo quando fala de sua descoberta atual: um pigmento roxo, tirado de um caramujo que lhe trouxeram do Marrocos. A cor foi aplicada em vários quadros pintados na quarentena, agora pendurados nas paredes de seu ateliê, em Santa Teresa. Por ali também estão espalhados no chão centenas de pregos que o artista vem deixando oxidar sob sol e chuva, num processo que dará origem a outra tela. Há ainda um punhado de areia da Praia de Copacabana, que ele peneira sobre um painel azul. Prestes a completar 80 anos, em novembro, Vergara não para de criar.

— Eu e Bob Dylan chegamos aos 80 produzindo. Só nos abateu a tiro! — brinca, antes de soltar uma gargalhada. — Me sinto com 80 só quando tiro a camisa.

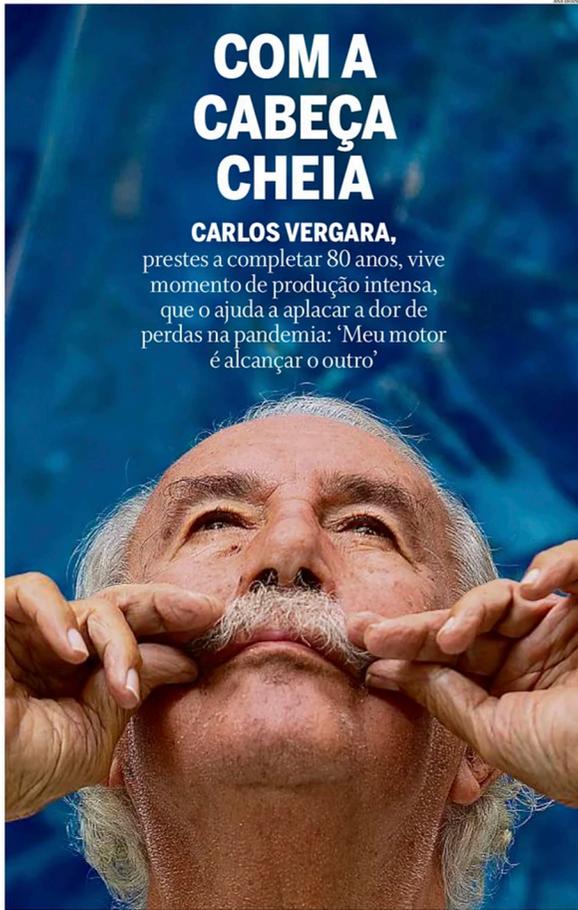
As novas obras serão vistas primeiro em Belo Horizonte, no Museu Ináia de Paula. Lá, darão o tom da novidade à exposição mais recente do artista, "Prospectiva", que estreou no MAM em 2019 e chega à cidade mineira em outubro, se a pandemia permitir. Mas, a partir de hoje, o Rio poderá conferir uma instalação inédita feita para a mostra "Nise da Silveira — A revolução pelo afeto", no CCB (leia mais na página 2). Vergara transformou em escultura uma grade original do presídio Frei Caneca, onde a psiquiatra ficou presa. Há ainda um filme, três aquarelas e uma foto de Vergara na mostra, que reúne obras de vários artistas.

Outra oportunidade de contato com sua arte é o livro "Carnaval-ritual", lançado pela Editora Colômb. Nele, o professor Maurício Barros de Castro contextualiza a série de fotos "Carnaval" (1972-76), que Vergara produziu sobre o Cacique de Ramos durante a ditadura militar. O bloco, que na folia de 2020 sofreu tentativa de cancelamento considerada "estapafúrdia" por Vergara, traz ensinamento político poderoso.

**Q** "Eu e Bob Dylan chegamos aos 80 produzindo. Só nos abateu a tiro!" Me sinto com 80 só quando tiro a camisa"

"A pintura fala de vergar, é para se ver lentamente. Usamos o olhar para nos defender, de forma pragmática. É preciso dar ordens para que ele seja poético. Do contrário, morreremos olhando para não tropeçar nas cadeiras"

**Carlos Vergara**, artista plástico



## COM A CABEÇA CHEIA

**CARLOS VERGARA**, prestes a completar 80 anos, vive momento de produção intensa, que o ajuda a aplacar a dor de perda na pandemia: "Meu motor é alcançar o outro"

Se, no ano passado, trocou desenhos com artistas como Raul Mourão e Adriana Varejão (as correspondências viraram mote para a mostra "Enquanto"), agora, o contato com o mundo é via Instagram. Na rede, mostra seu processo criativo em vídeos produzidos por João, seu filho e braço direito. As reações não param de chegar. São mensagens de gente toda para sua obra e pela leitura de poemas que ele compartilha ("Li 'Do espiritual na arte', do Kandinsky, e achei que era o caso de dividir beleza nesse momento").

Indagado sobre o que o motiva a seguir criando, ele crava, rindo: "O tédio". Em seguida, fala sério.



— Meu motor é alcançar o outro através de coisas sutis, como uma cor dentro de outra cor. É uma atividade profunda em que a habilidade manual é secundária porque ideias são mais importantes.

A inspiração anda tão forte que o acorda no meio da noite. É quando surgem ideias para suas pinturas, detalhes que deverão ser apreciados com calma. Como ele faz quando o espectador e combina encontros silenciosos com um amigo para ver quadros nos museus.

— A pintura fala devagar. É para se ver lentamente. De nossos predicados, o olhar é o menos poético. Quando somos crianças, nossos pais repetem "cuidado com a escada, olha o degrau". Usamos o olhar para nos defender, de forma pragmática. É preciso dar ordens para que ele seja poético. Do contrário, morreremos olhando para não tropeçar nas cadeiras

— O horror da pandemia acendeu o lado bom de quem tem necessidade de sobreviver mentalmente bem e contribui. O papel da arte é esse. Pessoas estão olhando para as paredes e podem achar algo que para ser pessimista. Se agarra ao que chama de "senteite-ouvitamina". Caso do trabalho com moradores de rua feito por Beatriz, sua

companheira. A casa onde funciona o projeto, aliás, foi comprada por Vergara com o dinheiro da venda de uma obra de Lygia Clark.

— O horror da pandemia acendeu o lado bom de quem tem necessidade de sobreviver mentalmente bem e contribui. O papel da arte é esse. Pessoas estão olhando para as paredes e podem achar algo que para ser pessimista. Se agarra ao que chama de "senteite-ouvitamina". Caso do trabalho com moradores de rua feito por Beatriz, sua

**Obra.** Carlos Vergara em seu ateliê: "Ver além é o que faz da vida algo maior do que simplesmente respirar, comer e ir ao banheiro. No fundo, viver intensamente é tornar a vida interessante"



**Folia na rua.** Cena de desfiles do Cacique de Ramos registradas por Carlos Vergara na série "Carnaval" que ganhou livro da Editora Colômb

# KARÍOKA

O Projeto KARÍOKA é subdividido em 3 etapas:

- Exposição KARÍOKA - Museu na cidade do RJ - Museu do Amanhã ou Museu MAR
- Documentário - Carlos Vergara e o Rio Carioca fazem parte da história do Rio de Janeiro e todo o seu percurso assim como sua história estão entrelaçados. O Doc conterà entrevistas exclusivas com o artista falando sobre sua trajetória artística, e em paralelo, o processo criativo da Exposição KARÍOKA.
- Livro com um registro impresso sobre o processo de criação da Exposição KARÍOKA



*"Eu queria ser banhado por um rio como um sítio é.  
Como as árvores são. Como as pedras são.  
Eu fosse inventado de ter uma garça e outros pássaros em minhas árvores.  
Eu fosse inventado como as pedrinhas e as rãs em minhas areias.  
Eu escorresse desembestado sobre as grotas e pelos cerrados como os rios.  
Sem conhecer nem os rumos como os andarilhos.  
Livre, livre é quem não tem rumo."  
Manuel de Barros:*



SOMART PRODUÇÕES ARTÍSTICAS

Sérgio Martins

contato@soma.art.br

(21) 99406-0626

ATELIÊ CARLOS VERGARA

João Vergara

Rua Progresso, 70 - Santa Teresa - RJ

joaovergara@gmail.com